

Aula 4

NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

META

No final desta aula o aluno será capaz de perceber a importância dos trabalhos de José Calasans Brandão da Silva (JCBS), Fernando Porto, Felte Bezerra e Bonifácio Fortes para a Historiografia Sergipana. Saberá que a Revista do Aracaju terá um papel importante como espaço da produção de intelectuais, conjuntamente com a Revista do IHGSE. Também saberá o porquê os anos de 1950 foram tempos de mudanças na capital sergipana com a fundação da faculdade de Filosofia: um novo lugar onde a intelectualidade irá começar a inovar a Historiografia de Sergipe.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: dar continuidade ao painel mais geral possível da Historiografia Sergipana como fizemos nas lições anteriores. Novamente iremos utilizar como ponto de partida de nossas análises o texto “Introdução ao Estudo da Historiografia Sergipana” (IEHS) de José Calasans Brandão da Silva (JCNS). Todavia, nosso principal objetivo será focar dois trabalhos sobre a História de Aracaju, produzidos respectivamente por JCBS e Fernando Porto, como estudos renovadores da historiografia dos anos de 1940. Incluímos o trabalho de Felte Bezerra denominado “Investigações Histórico- geográficas de Sergipe” e o estudo “A evolução da paisagem na cidade de Aracaju”, de Bonifácio Forte. Também apontaremos a Revista do Aracaju que terá um papel importante como espaço da produção de intelectuais, como vinha fazendo a Revista do IHGSE nos anos de 1910 a 1930. Por fim, compreenderemos o porquê os anos de 1950 foram tempos de mudanças na capital sergipana com a fundação da faculdade de Filosofia como um novo “lugar” onde a intelectualidade começou a inovar a Historiografia de Sergipe.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Começemos nossa quarta lição nos referindo diretamente ao historiador José Calasans Brandão (JCBS) como um pesquisador que ocupará um espaço especial na Historiografia Sergipana. Segundo Maria Thétis Nunes, ele, “debruçando-se nos arquivos de Sergipe, fez ressurgir, na década de 1940, o interesse pela nossa História, que deixaria de existir com o desaparecimento de Carvalho Lima Júnior, Manuel dos Passos, Clodomir Silva, entre outros historiadores do passado sergipano”. (NUNES, 1992, p.05).

Perceberemos aspectos dessa sua contribuição no decorrer desta nossa quarta e penúltima lição.

Mas não somente ele. Fernando Porto, Felte Bezerra e Bonifácio Fortes corroboraram também para essa inovação da Historiografia Sergipana.

Antes de entendermos os anos de 1940 e 1950 sugerimos ter uma visão geral da historiografia sergipana de JCBS.



(Foto de José Calasans. Fonte: <http://bahiatododia.com.br/index.php?artigo=4411>, 23 de abril de 2013).

FASES DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA SEGUNDO SILVA

É no final desse seu texto sobre a Historiografia Sergipana que ele aponta o que chamou de Fases da historiografia e acrescenta um item chamado nota especial. Em linhas gerais estabelece a existência de quatro fases. Segundo Antônio Fernando de Araújo Sá, Silva “instituiu um modelo de periodização da Historiografia Sergipana, o qual permanece como balizador de trabalhos posteriores”. (SÁ, 2011, p. 344)

A primeira fase diz respeito aos trabalhos relativos a memória sobre Sergipe e os livros gerais (da História do Brasil) que mencionam a história

sergipana. Inclui, como exemplos dessa primeira leva, os trabalhos produzidos por Carlos César Burlamaqui, Marcos Antônio de Souza, Antônio da Silva Travassos e toda uma bibliografia nacional que faz referência a Sergipe como os livros de Gabriel Soares, Diogo Campos Moreno, Frei Vicente do Salvador entre outros. Os pontos melhormente focalizados, nessas obras gerais, segundo JCBS, sobre a fase colonial são: A conquista da capitania, as minas de Belchior Dias Moreira, a invasão dos holandeses, a vida turbulenta dos seus primeiros habitantes, os ciclos de gado e do açúcar. Da fase do século XIX encontram as memórias de procedência provinciana (sic) (SILVA, 1992, p.31).

A segunda começa com a publicação, em 1891, de História de Sergipe, de Felisbelo Freire e se estende com uma produção diversa de trabalhos sobre aspectos da vida sergipana na política, na literatura, nas artes, na cultura popular, escritos por sergipanos bacharéis de Direito da Escola do Recife. Silva cita os nomes de Manuel dos Passos, Prado Sampaio, Nobre de Lacerda, Laudelino Freire e Baltazar Góes.

A terceira estaria ligada ao surgimento do IHGSE (1912), criado pelo professor sociólogo Florentino Teles de Menezes. Diz esse autor que essa fase é de bastante operosidade porque esse Instituto participava ativamente da vida cultural da comunidade sergipana, realizava regularmente sessões comemorativas de datas históricas como nomes considerados ilustres. Agregou-se nessa instituição uma nova geração e congregou os antigos estudiosos da História Sergipana. Um dos temas que mais se pautou foi sobre a questão de limites entre Sergipe e a Bahia. Também se destacaram trabalhos de monografias municipais, ensaios de geografia histórica, a mudança da capital, os estudos bibliográficos. Silva destaca os atuantes sócios dessa instituição: Carvalho Lima Júnior, Armindo Guaraná, Elias Montalvão, Costa Filho, João de Mattos, Manuel dos Passos, Prado Sampaio, Nobre de Lacerda, Clodomir Silva, Enock Santiago. Muitos deles ficaram responsáveis pela preparação das comemorações do centenário da independência de Sergipe em 1920.

Neste período da terceira fase, duas produções importantes surgiram, acrescenta JCBS: O álbum de Sergipe e o número especial da Revista do Instituto. Igualmente menciona Ivo do Prado e Pereira Barro, como líderes intelectuais desse período no que tange a qualidade dos seus trabalhos sobre a questão de limites. O dicionário de Armindo Guaraná é mencionado também como um dos principais trabalhos que se destacaram dessa fase.

Silva aponta também declínios em 1930. O instituto não teve uma produtividade como estava ocorrendo nas duas décadas anteriores. Diz que a Revista do IHGSE deixou de circular durante uma década. Não aponta os motivos dessa decadência de estudos. Apenas cita que Epifânio Dória empenhou-se para reerguer essa instituição. Dória coordenou a construção da nova sede e retomou a circulação da revista dessa instituição. Um motivo também da volta do interesse pela História tem haver com o centenário de

Tobias Barreto, declara o autor de “Introdução ao estudo da Historiografia Sergipana”. Além de Dória, pondera JCBS, as contribuições começaram a surgir via João Dantas Martins dos Reis, Felte Bezerra, José Calasans, Sebrão Sobrinho, José Amado do Nascimento, José Augusto da Rocha Lima.

Concluindo sua apreciação sobre essa terceira fase, faz a seguinte revelação sobre o IHGSE: “deixava de exercer a direção absoluta da historiografia sergipana”. Reforçando esse seu argumento, acrescenta:

“na década de 1940, com o aparecimento da Revista do Aracaju e a publicação da Coleção Estudos Sergipanos, uma nova orientação iria ser traçada no rumo dos estudos históricos, cujos efeitos se fariam sentir até a situação atual (década de 1970), quando tudo indica, poderá passar ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas o bastão do comando da historiografia regional”. (SILVA, p. 31-32)

Reforçando ainda essa sua declaração, acrescenta que a Revista do Aracaju, dirigida por Mário Cabral e Fernando Porto, em conformidade com outras brasileiras, como a de São Paulo, tornou-se um periódico aberto aos estudos sergipanos de um modo geral. Nela foi “reeditado velhos trabalhos e novos subsídios”. Os primeiros números enfatiza o autor, “procuravam levar para a Província a nova metodologia empregada no campo da ciência histórica”. Inserindo ainda mais argumentos para reforçar a citação acima, menciona a colaboração de mais textos sobre o passado sergipano presentes na coleção “Estudos Sergipanos”, de iniciativa particular. Cita que nessa coleção contem textos de sergipanos, como, Fernando Porto, Orlando Dantas, Manuel Dantas, José Cruz, Felte Bezerra e do próprio Silva (p.32).

Nos anos de 1950 e 1960 o IHGSE passou a atrair outros valores sergipanos e vivenciou uma nova fase de franca expansão. Essa afirmação de Silva vem acompanhada de uma sequência de nomes de autores que colaboraram com a produção da história. Menciona os nomes de alguns deles que tratam de pessoas, fatos, problemas da História de Sergipe: Zózimo Lima, Pires Whyne, Freire Ribeiro, Maria Thétis Nunes, Bonifácio Fortes, Manuel Cabral Machado, Aurélio Vasconcelos e Almeida, Carvalho Deda, Arivaldo Fontes, Garcia Moreno, Luiz Carlos Rolemberg Dantas, Juliano Simões, Severino Uchôa, Joaquim José de Montalvão.

Finalizando ainda essa terceira fase. Inclui os trabalhos de Vladmir Souza Carvalho. Ele somente cita no final do seu texto esse Carvalho porque só tomou conhecimento do seu trabalho *Santas Almas de Itabaiana Grande* quando estava concluindo seu texto *Introdução ao estudo da Historiografia Sergipana*. Diz Silva que esse juiz interessado no passado sergipano apresentou na introdução do seu trabalho um breve balanço da *Historiografia Sergipana*. O livro de Carvalho é lançado em 1973 e corresponde aos estudos de historiadores não ligados ao curso de História

da UFS. Pertence, portanto a fase que Silva batizou de quarta fase da Historiografia Sergipana.

Antes de adentrarmos aos anos de 1960 e 1970, procuremos compreender os anos de 1940 onde o próprio José Calasans e Fernando Porto se destacaram na temática da história dos municípios.

A INOVAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA NOS ÚLTIMOS ANOS DE 1940 SEGUNDO JCBS

Como nas demais outras lições, também iremos nos apropriar do texto IEHS de José Calasans. Apreciemos como o próprio autor (SILVA) se apresenta como inovador na temática da história dos municípios, voltando-se para o estudo da capital sergipana, especialmente para a fase onde se deu a transferência da capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju.

“Pela primeira vez na discussão do assunto foram apresentadas razões econômicas, políticas e sociais, na área provinciana como na nacional. Os fatos externos (nacionais) estariam ligados às iniciativas progressistas do período Mauá, à tranquilidade política do II Reinado, à substituição da cidade-fortaleza pela urbe-porto comercial, à marcha para a urbanização, tornando imprestáveis antigas povoações, e os exemplos da criação de novas capitais”. (SILVA, p. 19-20)



Foto do Barão de Mauá. (Fonte: <http://www.brasilecola.com/upload/e/Barao-de-Maua-BRASIL-ESCOLA.jpg>, cap. 22 de março de 2013.).

Diz o autor que ele inova a historiografia sobre Aracaju porque discute pela primeira vez a transferência da capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju apresentando razões econômicas, políticas e sociais estabelecendo uma relação entre o acontecimento local com a situação nacional. Assim, ele acrescenta o entendimento de que a História de Aracaju é em parte explicada via acontecimentos externos, como as mudanças da era Mauá e na situação política do II Reinado como também das novas propostas de cidades portuárias.

JCBS não despreza os acontecimentos que também desenrolavam em Sergipe. No campo interno, destaca: “os aspectos geográfico e econômico predominavam, favorecendo o local Aracaju pela geografia e economicamente a Cotinguiba, maior centro produtor de açúcar da Província, que assim vencida a zona do Vaza-barris, onde ficava S. Cristóvão, de pequena produção”. (SILVA, p. 20)



Foto do engenho Pedras- Cotinguiba. (Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_k3kycBQ88P8/TDO-1Du2D2I/AAAAAAAAAs/gV0o9QegVJc/s1600/engenho+pedras.bmp, cap, em 22 de março de 2013).

O autor quer deixar claro que os acontecimentos externos e internos eram vantajosos para a ação do Inácio Barbosa na transferência daquele 17 de março de 1855. Em outras palavras quer dizer que aquele momento era historicamente adequado para desencadear essa transferência. Ele ainda menciona que em outras datas houve três tentativas.

Nesta argumentação se encontra sua tese central e, ao mesmo tempo, a negação de uma visão corrente da História (a de Manuel Teles) que considerava Inácio Barbosa um “despeitado” e movido por precipitação, como apresentamos na lição anterior. Também em oposição as interpretações de que a transferência foi uma medida que beneficiava interesses de particulares em detrimento ao público e, também, da versão de que a população sancristovense agiu sem patriotismo e com comportamento degenerativo.

JCBS organiza todos os seus argumentos para também reabilitar o personagem Inácio Barbosa e seu ato de 17 de março de 1855. Ele dá continuidade a historiografia do IHGSE, herdando as discussões iniciais feitas pela geração anterior.



Foto do obelisco em homenagem a Inácio Barbosa. (Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d5/Obelisco_inacio_barbosa.jpg/150px-Obelisco_inacio_barbosa.jpg, cap. em 22 de março de 2013.)

Defende essa sua tese sobre os anos iniciais da História afirmando ser um pesquisador eminentemente preocupado com a cientificidade da História. Busca se enquadrar no entendimento de que a História é feita por documento. Que o historiador deve ser crítico aos documentos e aos fatos buscando entender via vários fatores de ordem política, econômica e social. Não se aceitava ser considerado herdeiro de um grupo que entende os acontecimentos históricos a partir de explicações que remetem as posições apaixonadas de um grupo. Diz-se herdeiro do racionalismo e se diz afastar do romantismo.



Foto de documento. (Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_SJsqZeAk064/TMnWnyvYZaI/AAAAAAAAADas/PC9-KpeIFxU/s320/documentos.jpg, cap em 22 de março de 2013).

Vejamos com mais acuidade essa posição de Silva.

“A HISTÓRIA SE FAZ COM FONTES...”: UM CONCEITO DE HISTÓRIA SEGUNDO SILVA

A maioria dos autores refere-se a José Calasans como um historiador que se dedicou a estudar Antônio Conselheiro e a comunidade de Canudos. Ele é merecidamente conhecido como um grande estudioso sobre esse tema.



Ilustração sobre Antônio Conselheiro. (Fonte: http://armonte.files.wordpress.com/2010/11/grande-antonio_conselheiro.jpg, cap. em 30 de março de 2013.)

A discussão sobre coleta de fontes históricas por parte dele nos conduzirá a alinhavarmos a discussão sobre o conceito de história que o mesmo irá percorrer ao longo de sua vida como pesquisador. Ele se voltou para a coleta de dados, conforme vários depoimentos de pesquisadores de áreas distintas.

De acordo com Valnice Nogueira Galvão, José Calasans fundou o “Núcleo Sertão”, no “Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia”. Para ali, continua essa autora, “transferiu seu acervo, de cerca de 4 mil peças de valor inestimável, único no gênero, por ele reunido ao longo de toda uma vida de dedicação e pesquisa”. (GALVÃO, 2012. Confira o

seguinte site para obter mais informações sobre a fortuna crítica de Silva: <http://josecalasans.com/home.html>)

É importante ressaltar que a autora informa a quantidade de documentos do acervo organizado por JCBS, onde revela a sua preocupação com a construção da História através de documentos. A coleta desses documentos e os textos que saíram dele certamente contribuíram para que o mesmo tenha sido conhecido internacionalmente como historiador do homem do sertão brasileiro.

Segundo Jairo Carvalho do Nascimento, “ele percorreu o país garimpendo em bibliotecas e arquivos, seguindo como poucos, os passos do peregrino Antônio Conselheiro, do Ceará à Bahia, bem como o desenrolar do conflito em si, revelando aqui e ali, uma documentação preciosa que reformularia a historiografia “canudense”, presa durante muito tempo ao livro de ouro de Euclides da Cunha, Os Sertões.” (NASCIMENTO, 2008, p.14).

Pelos objetivos deste texto, não iremos citar aqui mais autores que reforcem a importância dele nessa temática sobre Canudos. Sugerimos enveredarmos pelo caminho que nos leva a identificar Silva a partir do seu incansável trabalho em perscrutar documentos.

Essa preocupação com fontes, ou melhor, o seu conceito de História que enxerga que o texto do passado se escreve com documentos, esteve presente quando ele concebeu o seu trabalho sobre a temática da História de Aracaju e, sobretudo, em “introdução aos estudos da Historiografia Sergipana”. Neste último texto, por exemplo, ele deixa claro o que entende por História ao examinar as primeiras páginas do mesmo, depois da parte introdutória que o autor chama de “guia de explicação prévia”.

JCBS diz que a discussão sobre Historiográfica Sergipana não pode começar sem apresentar o que disse Sílvio Romero em um pronunciamento que fez sobre a importância de escrever uma História de Sergipe como critérios científicos. Esse pronunciamento de Romero é denominado por José Calasans como “Um discurso de Sílvio Romero”.



Foto de Sílvio Romero. Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Silvio_Romero.jpg/210px-Silvio_Romero.jpg cap. 18 de março de 2013.

Esse autor não só destaca esse pronunciamento como a parte inicial do seu texto sobre Historiografia Sergipana. Publica-o novamente em 1951 e 1985. Também se refere a esse discurso de Romero em algumas de suas entrevistas quando procura responder as perguntas sobre sua trajetória de vida como pesquisador.

Por que esse pronunciamento denominado “Um discurso de Sílvio Romero” chama tanto a atenção desse autor ao ponto de publicar o mesmo duas vezes e o citar em ocasiões de certas entrevistas? Por que o seleciona com parte inicial do seu texto de historiografia sergipana?

A citação do texto “Um discurso de Silvio Romero” por parte de JCBS torna-se uma chave de compreensão da concepção de história desse autor.

O autor começa fazendo um histórico desse discurso. Escreve que em 1873, Sílvio Romero foi eleito deputado à Assembleia estadual de Sergipe, exercendo seu mandato entre 1874-1875. Nesse período apresenta somente um projeto no cumprimento do seu mandato de deputado, “gratificava com a quantia de 6.0000\$ 000 a quem apresentasse no prazo de 6 meses ‘a mais perfeita História da Província de Sergipe’, trabalho a ser julgado por uma comissão nomeada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro”. (SILVA, op cit, p. 11)

Na oportunidade da indicação do projeto, acrescenta JCBS, esse deputado pronuncia um discurso, “cujas ideias gerais devem ser recordadas no estudo da Historiografia Sergipana”. (SILVA, Op. Cit, p. 11)

Observemos com muita acuidade a frase acima de José Calasans sobre esse discurso de Sílvio Romero. Notemos que ele diz que as “ideias gerais” desse discurso devem ser “lembradas” no estudo da Historiografia Sergipana. Perguntemos: por que as ideias gerais de um projeto que nem sequer foi aprovado, devem ser lembradas em um texto de introdução da Historiografia Sergipana? O que elas têm de importante para o autor?

Silva refere-se que Romero estava empenhado no projeto em criar regras bastante definidas para quem fosse escrever a História de Sergipe. Ele queria que o autor redigisse de forma a ser a mais completa e mais perfeita e científica história do passado sergipano.

JCBS acredita que essa exigência do deputado revela uma preocupação eminentemente com o rigor científico no estudo do passado. Sílvio Romero usa uma expressão preventiva, aponta Silva. Vejamos com mais detalhes o que seria esse termo “preventivo” citando a frase completa onde ele aprecia essa parte do discurso do deputado. “Quem tiver conhecimento das modificações radicais e profundíssimas porque há passado a História nos últimos anos”, prossegue José Calasans, “aquela expressão foi largamente preventiva. Sim, preventiva, porque, de uma vez, cortou todas as chances de resultado ao charlatanismo empreendedor.” (SILVA, op. Cit. 11)

Analisemos essa citação de Silva. Notem que ele escreve o seguinte: “quem tiver conhecimento das modificações radicais e profundíssimas porque há passado a História nos últimos anos”. Ao examinarmos com

bastante cuidado essa citação, notamos que esse autor refere-se à História como um conhecimento que tem passado por mudanças nos últimos anos. Ele percebe essas mudanças como “bruscas” porque acrescenta como ênfase dessas mudanças duas outras palavras: “radicais” e “profundíssimas”. Esses vocábulos reforçam que a História mudou. Também enfatiza que o deputado estava ciente destas mudanças e se torna inovador em prevenir que os novos trabalhos seguissem essa tendência e não entregassem qualquer texto apressado e sem cuidado com as fontes.

Analisemos mais ainda a citação. É no campo da ciência que a História tem trilhado nos últimos anos, declara JCBS. Ele apresenta os termos: “radicais” e “profundíssimas” como uma metáfora a reforçar a sua ideia de que estava se vivendo positivamente uma nova fase da História enquanto conhecimento. Ao citar o texto de Sílvio Romero da década de 70 do século XIX, compondo a primeira parte de seu trabalho sobre a Historiografia Sergipana, quer transmitir que aquele autor fez um texto antecipado da fase em que ele vive na atualidade. Em outras palavras, naquele período do final do império brasileiro, esse deputado enunciava uma preocupação com os textos de História mais científicos, como se tornou uma exigência dos novos tempos, com uma nova roupagem conforme as vicissitudes do conhecimento histórico, quando Silva produzia seu texto na temática da Historiografia Sergipana.

Assim, tomando como referência essa observação sobre o discurso de Sílvio Romero, entendemos porque Silva “recorta” e “cola” essa “fala” desse deputado como parte inicial do seu texto. Ele concebe a História como ciência e encara que uma das etapas para cumprir o rigor científico e o afastamento das práticas do charlatanismo, é a coleta de dados e a análise dos mesmos. José Calasans enxerga o papel central do documento como primordial na escrita da História profissional. O historiador não profissional, o charlatão, escreve o texto histórico cheio de fatos e anedotas, de listas de nomes próprios e mapas de receitas e despesas, declara Silva.

O cuidado em não ser charlatão estava presente quando Silva produziu, nos anos de 1940, o texto “Contribuição a História da Capital de Sergipe”. Ele buscou seguir os conselhos de Romero.

Como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1945 a 1949), buscou dar continuidade aos trabalhos da geração de outros sergipanos que tiveram a frente dessa “Casa de Sergipe”. Sua atuação se estendeu a outros órgãos de cultura. Ele liderou movimentos culturais como o da criação do Centro de Estudos Econômicos e Sociais de Sergipe, em 1944, ao lado de Orlando Dantas, Garcia Moreno, Urbano Neto, Marcos Ferreira de Jesus, Jorge de Oliveira Neto. Sua participação na fundação da Revista de Aracaju, com Mário Cabral e Fernando Porto também foi um dos momentos importantes de sua trajetória intelectual enquanto morava em Sergipe. Em 1949 passou a residir em Salvador (BA).

A renovação da historiografia dos anos de 1940 com Porto.



Foto de Porto. Fonte: <http://www.onordeste.com/administrador/personalidades/imagemPersonalidade/71d6c631e36a3432a5899bb09c51d52a45.jpg> cap. 18 de março de 2013.

Outro estudo inovador sobre a História da capital sergipana foi escrito três anos depois do trabalho “Aracaju: uma contribuição à História da Capital sergipana”. Em 1945, Fernando Porto publica “A Cidade de Aracaju (1855-1865)”.

JCBS apresenta Porto como iniciador de uma nova fase da Historiografia Sergipana, tratando da evolução urbana de Aracaju de 1855 a 1865. Considera seu trabalho “uma das mais sérias contribuições da nossa historiografia”. Afirma isto apontando que o mesmo consultou “livros, jornais e documentos da prefeitura, bem assessorado pela sua formação urbanística”. Nos momentos de folga do trabalho, esse servidor público municipal estava a procura de documentos para entender Aracaju nos seus dez primeiros anos. Enfim, ele é apontado como “um engenheiro com bons conhecimentos de Geografia, pesquisador atilado”.

Silva o considera como inovador da Historiografia tomando também como base o conceito de pesquisador voltado para a coleta séria dos documentos, na mesma imagem representativa de conhecimento histórico que ele admitia expor ao fazer referência ao discurso de Sílvio Romero.

Não há mais informações sobre esse livro de Porto na temática História dos Municípios no trabalho “introdução ao estudo da Historiografia Sergipana” de José Calasans.

Voltemos a apreciar essa obra de Porto como renovadora na Historiografia Sergipana examinando-a.

O texto “A Cidade do Aracaju (1855-1865)” é dividido da seguinte forma: introdução; a situação em 1855; o local da nova cidade; o plano da cidade; os primeiros passos da nova cidade e apêndice. Contendo 53 páginas.



Foto da capa do livro de Porto

É de Fernando Porto a célebre frase conhecida por muitos pesquisadores de que Aracaju: “Uma vitória da geografia”. Disse isto em alusão a topografia da área conhecida como Olaria e que tinha no encapelado do Santo Antônio seu principal núcleo populacional.

Na quarta parte do seu livro, denominada “Os primeiros passos da nova cidade”, escreveu que a nova capital sergipana nasceu numa ilha. “Nasceu na porção do terreno que vai da delegacia fiscal até a Alfândega, colada à praia, que a limita pelo leste”. Na parte norte por mangues, ao oeste por pântanos e ao sul por uma depressão inundável. Uma terra, que qualquer aguaceirozinho enquadrava na mais elementar definição de ilha. (PORTO, 1991, p. 35)

Além de ser conhecido pela célebre frase “Aracaju, uma vitória da geografia”, ele é bastante referenciado quando se busca entender a capital sergipana com cartas geográficas da primeira fase de sua História. Todos os seus mapas citados como parte do livro “A cidade de Aracaju...” são usados corriqueiramente em vários livros de autores, em palestras e em sites da internet. Esses mapas são denominados pelo autor como: figuras de número 01 – Portos Marítimos e Fluviais; número 02 – Aracaju em 1855; número 03 – Aracaju em fevereiro de 1856; número 04 – Aracaju em fevereiro de 1857 e número 05 – Aracaju. Arruamento em 1865.

Mas de que lugar “fala” Porto? Tomando emprestadas as informações de JCBS e de outros autores que estudaram o mesmo, podemos apresentar algumas ponderações: O pertencimento de Porto liga-se (a princípio) aos órgãos públicos administrativos. Ele foi servidor público do Estado de Sergipe e da prefeitura de Aracaju, interessado em buscar informações do passado da capital sergipana. Insere-se na geração dos novos intelectuais, de cursos superiores, não mais exclusivamente formados em Direito ou Medicina, que na década de 1940 passou a se dedicar a temas mais voltados

para as ciências humanas, como a geografia e a história. Como funcionário da prefeitura de Aracaju, por exemplo, nos momentos de folga, como nos referimos anteriormente, torna-se um atilado pesquisador interessado em vasculhar os arquivos (da máquina administrativa do Estado).

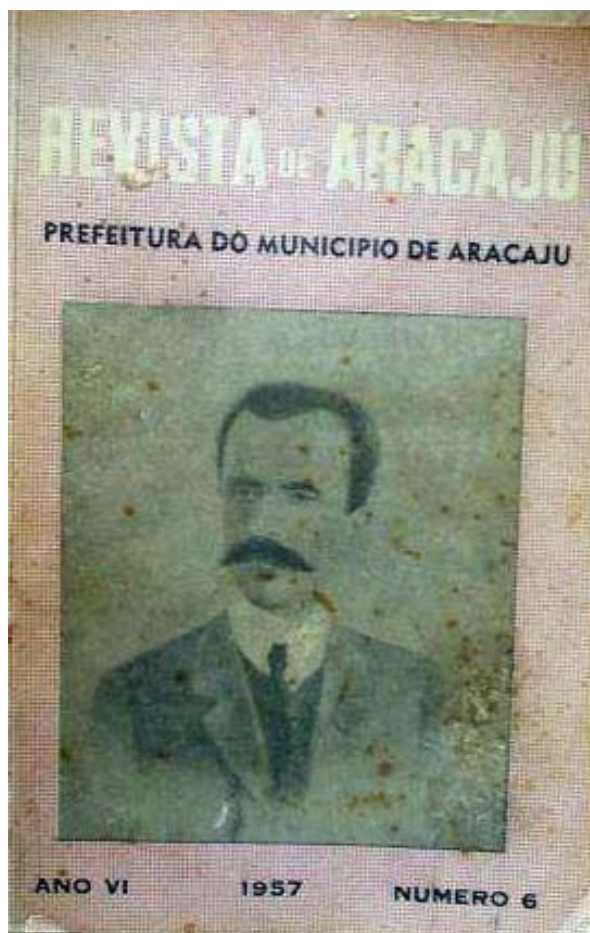


Foto da capa de um exemplar da Revista do Aracaju. Fonte: <http://i.novobuscar.com/index.aspx?p=%2fPic%2fbr%2f2012%2f12%2f19%2f5bc014b3-52b9-42d4-bc55-69aec8e2f652.jpg> cap. 19 de março de 2013.

Conjuntamente com José Calasans, encontrando um espaço para divulgar suas pesquisas, passou a conceber e a concretizar a edição de uma revista denominada “A Revisa do Aracaju”, um dos veículos mais importantes de circulação do saber produzidos pelos intelectuais sergipanos nos anos de 1940 em diante. A revista saía como revista ligada a prefeitura de Aracaju. É nessa revista que ele publica a primeira versão deste seu texto sobre Aracaju.

O IHGSE é outra instituição em que ele se vincula nos anos de 1940 e é desse lugar que ele também “fala” quando escreveu “A Cidade do Aracaju”.

Porto doou ao acervo do IHGSE os documentos que usou na sua pesquisa sobre Aracaju. Contempla recorte de jornais, documentação pessoal, fichamentos bibliográficos e arquivísticos. O acervo ocupa 12 caixas-arquivo e duas caixas de madeira. Veja no seguinte endereço: <http://www.ihgse.org.br/fundos/Fundo%20Fernando%20Porto%20-%20FFP.pdf>.

Esse pesquisador teve papel importante nas administrações do governador de Sergipe José Rollemberg Leite, na primeira gestão de 1947 a 1951 e na segunda gestão de 1975 a 1979. Como engenheiro ele irá colaborar nas mudanças que esse governante irá empreender nessas duas fases administrativas no governo de Sergipe. Mas o lugar de continuação da produção dos seus textos será no ensino superior da Faculdade Católica de Filosofia que será fundada no início dos anos de 1950.

ASPECTOS DA HISTÓRIA DE SERGIPE DOS ANOS DE 1940 A 1950: A FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA



Foto de José Rollemberg Leite. Fonte: <http://www.palaciolimpiocampos.se.gov.br/userfiles/2012-09-21/505c7049860a5.jpg>, cap. 10 de março de 2013.

As décadas de 1940 e 1950 constituíram uma nova fase sobre educação e produção e conhecimento em Sergipe. Segundo Barreto, havia na administração de José Rollemberg Leite uma efetiva prioridade ao ensino público sergipano. Na década de 1940 Aracaju concentrava as únicas três Escolas secundárias de Sergipe – Atheneu, Escola Normal e Escola de Comércio – Também havia em Aracaju cinco Grupos Escolares – General Siqueira, Barão de Maruim, General Valadão, Manoel Luiz e José Augusto Ferraz – e nas demais cidades do interior existiam 12 escolas. Ainda segundo esse mesmo jornalista, Leite deu nova sede ao velho Atheneu (saiu do prédio onde fica hoje o museu da gente Sergipana, da Avenida Ivo do Prado 398, para o largo Graccho Cardoso no São José). Também recebeu essa Escola várias melhorias (laboratórios). Nessa administração, foram criadas as duas primeiras escolas superiores, a de Economia e a de Química, e deu auxílio financeiro e material para que fossem organizadas mais duas escolas, a de Direito e a de Filosofia, dando início ao ensino universitário.

Como parte das mudanças dos anos de 1940 e 1950 em Sergipe, ainda segundo Barreto, estão a Instalação do Instituto de Tecnologia e Pesquisas de Sergipe, reorganizando o Instituto de Química, criado em 1923 pelo presidente Graccho Cardoso.

O ensino superior em Sergipe começou a funcionar em 1950 com a criação das Escolas de Ciências Econômicas e de Química, a Faculdade de Direito e a Faculdade Católica de Filosofia em 1951.

Nos anos de 1950 o curso Superior voltado para a formação de sacerdotes não mais funcionava. Mas é nessa mesma década, logo após a segunda guerra mundial, com o advento de novas mudanças políticas, que surge a ideia da criação de uma Faculdade de Filosofia. Essa iniciativa se deu na administração eclesiástica de D. Fernando Gomes, segundo bispo da diocese de Aracaju, que tinha assumido a direção da diocese de Aracaju logo após a morte de D. José Thomaz, em 30 de outubro de 1948.



Foto Dom Fernando Gomes. Fonte: http://www.arquidiocesedearacaju.org/images/bispoanterior/dom_fernando_gomes.jpg, cap. 12 de abril de 2013.

A solicitação da criação dessa faculdade foi feita ao presidente da República Getúlio Vargas, em 1950, através da Sociedade Sergipana de Cultura, criada na década de 1910. Este governo autoriza pelo Decreto de nº. 20. 311 de 23 de fevereiro de 1951, o funcionamento dos cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Matemática. Assim criava-se a Faculdade Católica de Filosofia, FAFI, mantida pela Sociedade Sergipana de Cultura. O prédio se localizava no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e seu primeiro diretor foi o padre Luciano José Cabral Duarte.

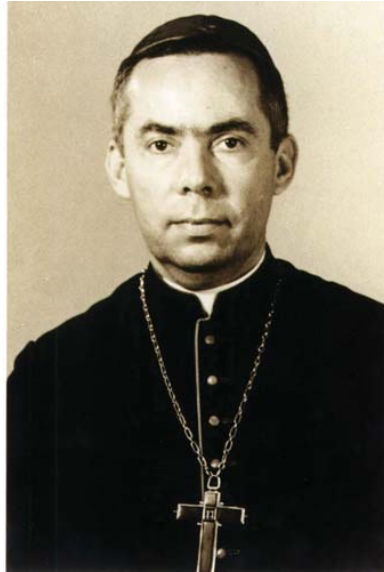


Foto de Dom Luciano. Fonte: http://www.arquidiocesedearacaju.org/images/bispoanterior/dom_luciano.jpg cap. 12 de abril de 2013.

Os princípios cristãos, ligados a Igreja Católica, nortearam a criação dessa faculdade. Mas, também, a necessidade de promover o desenvolvimento da cultura do espírito, como meio de formação integral do homem e elevação moral da sociedade. Os seus criadores, de igual forma, desejavam estimular a investigação científica e preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal.

Os cursos de licenciatura em História e Geografia eram ofertados conjuntamente, em regime seriado, com duração média de 4 anos. Esta situação permaneceu até 1964.

O padre Luciano Cabral Duarte, Felte Bezerra, Fernando Porto, José Bonifácio Fortes, Armando Leite Rollemberg, Gonçalo Rollemberg Leite, José Silvério Leite Fontes e Maria Thétis Nunes, entre outros, fizeram parte do corpo de professores da Faculdade Católica de Filosofia, no seu primeiro ano de existência.

Fernando Porto começou a fazer parte de um novo “lugar” institucional como docente da Faculdade Católica de Filosofia. Nesse “espaço”, como professor de geografia, passou a ampliar suas pesquisas e os seus importantes estudos sobre a cidade do Aracaju, iniciadas em 1945.

Outro a se destacar na área da geografia e da história é Felte Bezerra, também um dos fundadores da FAFI. Em 1952, um ano após o funcionamento dos referidos cursos, lança uma obra importante para a Historiografia Sergipana dos anos de 1950.



Foto de Felte Bezerra. Fonte: <http://www.ihgse.org.br/images/presidentes/11o%20-%20Dr.%20Feltre%20Bezerra%20-%20Gest%C3%A3o%201951-1953.jpg>, cap. 12 de abril de 2013.

Bezerra publica “investigações Histórico- geográficas” na editora “Organizações Simões”, do Rio de Janeiro. Silva, na sua análise da introdução a *Historiografia Sergipana*, cita este livro como um outro texto importante que se debruça pelo tema de limites entre Sergipe e Bahia. Considera-o como um misto de geógrafo e historiador que retomou esse tema dos limites nos anos de 1950.

Formou-se em Odontologia na Universidade Federal da Bahia e regressou à Sergipe no ano de 1933. Antes de ser professor da FAFI passou no concurso para a cadeira de geografia no Atheneu Sergipense (1938) defendendo um trabalho científico denominado “Da terra” que versa sobre o deslocamento dos continentes. Também um ensino sobre cosmografia. Em 1938, se junta com Colombo Felizola e Garcia Moreno e funda o Centro Cultural de Sergipe. José Calasans participou da mesma.

Também participou de outra instituição importante de Sergipe: a Academia Sergipana de Letras. Ocupou a cadeira nº 2, patrono – Sílvio Romero.

Chegou também a ocupar o cargo de presidente do IHGSE.

Como professor do curso de Geografia e História da FAFI ensinou Geografia humana. Passa a ser especializando em antropologia, criando pouco tempo depois a disciplina “Etnologia e Etnografia do Brasil. Dedicase a eventos ligados as Etnias. Escreve sobre Etnias Sergipanas (1950). Nesse livro busca compreender o homem de Sergipe, formado a partir dos grupos formadores, culminando com um estudo sobre relações raciais.

Sua contribuição como professor da FAFI se estende até o ano de 1959 onde se muda para o Rio de Janeiro no dia 6 de janeiro de 1960.

Diz Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti que a geografia o promoveu em Bezerra o interesse pelo homem em sua vida cultural e social diferenciada. Ainda segundo Cavalcanti o livro “Etnias Sergipanas” desse autor se tornará um elo muito expressivo quanto singular em uma

rede de pesquisadores interessados as relações raciais e étnicas. O interesse de Bezerra pelas diferentes formas de expressão da experiência humana o ligaria, prossegue a autora, “aos estudos do folclore brasileiro, outra vertente formadora da antropologia no país”. (CAVALCANTI, 2009, p. 6).

Beatriz Góes Dantas refere-se a Bezerra como um estudioso “interessado por pesquisas de campo e desenvolveu trabalhos em que a terra e a gente sergipana são estudadas metodicamente”. Diz ainda que suas pesquisas de campo se basearam em teorias da época, “cujo saber atualizava nos livros de sua rica biblioteca e nos contatos que mantinha como destacados sociólogos, antropólogos e folcloristas de vários Estados”. (DANTAS, 2009, p. 19)

Bonifácio Fortes, outro professor da FAFI que também escreveu nos anos de 1950. Envereda sobre a paisagem humana de Aracaju. É autor do livro “A evolução da paisagem na cidade de Aracaju”, publicado pela Livraria Regina, em 1955. Forte deu continuidade a temática voltada para os estudos sobre a História dos municípios, concentrando seu objeto de estudo exclusivamente sobre a História de Aracaju, completando os estudos de Silva e Porto. É autor de textos sobre Felisbelo Freire e Inácio Barbosa.



Foto de Bonifácio Fortes. Fonte: <http://www.encyclopediaordeste.com.br/imagens/biografias/023.jpg>, cap. 13 de abril de 2013.

Formado em Direito em 1950, pela Faculdade de Direito da Bahia, ensinava Estética na FAFI e, pouco tempo depois, substituiu o professor Felte Bezerra na disciplina Geografia humana. É um dos fundadores da Escola de Serviço Social. Tornou-se promotor, juiz de Direito, juiz do Trabalho e depois enveredou pela área do Direito Administrativo, abandonando a área da Geografia humana. Pertenceu aos quadros do IHGSE e da Academia Sergipana de Letras, ocupando a Cadeira 19. Contribuiu na fundação do clube de cinema em Aracaju. Escreveu “Noções de Cinema”.

Dois outros professores dos primeiros anos da FAFI também terão papel central nas novas mudanças da produção Historiográfica Sergipana: José Silvério Leite Fontes e Maria Thétis Nunes. A produção de ambos será apontada no próximo texto.

CONCLUSÃO

A Faculdade Católica de Filosofia congregou um grupo seletivo de professores que produziram textos significativos para o estudo da geografia e do passado sergipano. O único sergipano dessa fase que não irá fazer parte dos quadros dessa faculdade será José Calasans que opta em morar em Salvador. Felte também deixará Sergipe, mas somente poucos anos depois. Antes disto, ele inovou o estudo sobre o passado ao se debruçar nos estudos de antropologia. Também se envolveu nas pesquisas de cultura popular, já iniciadas nas décadas anteriores por Clodomir Silva.



RESUMO

Nesta quarta lição fizemos um painel mais geral possível da Historiografia Sergipana no mesmo modelo das lições anteriores. Novamente tomamos como ponto de partida de nossas análises o texto “Introdução ao Estudo da Historiografia Sergipana” de José Calasans Brandão da Silva. Enfocamos dois trabalhos sobre a História de Aracaju, produzidos respectivamente por José Calasans Brandão da Silva e Fernando Porto como estudos renovadores da historiografia dos anos de 1940. Incluímos o trabalho de Felte Bezerra denominado “Investigações Histórico- geográficas de Sergipe” e o estudo “A evolução da paisagem na cidade de Aracaju”, de Bonifácio Forte. Também apontamos como a Revista do Aracaju teve um papel importante no espaço da produção de intelectuais, como vinha fazendo a Revista do IHGSE nos anos de 1910 a 1930. Por fim, compreendemos o porquê dos anos de 1950 serem tempos de mudanças na capital sergipana com a fundação da Faculdade de Filosofia como um novo “lugar” onde a intelectualidade começou a inovar a Historiografia de Sergipe.



ATIVIDADES

Escolha uma das obras citadas nesta lição e faça uma resenha.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Muitos destes livros estão esgotados. Mas é fácil de ler todos eles visitando as bibliotecas de Sergipe ou comprando-os em sebos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antônio. JOSÉ ROLLEMBERG LEITE E O ENSINO SERGIPANO. “Pesquise - Pesquisa de Sergipe / InfoNet”. <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=%2029381> HYPERLINK “http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=%2029381&titulo=Luis_Antonio_Barreto”& HYPERLINK “http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=%2029381&titulo=Luis_Antonio_Barreto” titulo=Luis_Antonio_Barreto, cap. em 21 de março de 2013.

_____. BONIFÁCIO FORTES. “Pesquise - Pesquisa de Sergipe / InfoNet” http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=29077&titulo=Luis_Antonio_Barreto

CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. 2ª ed. Aracaju, 1955, 347p

_____. Espelho do tempo. Bahia: Artes Gráficas, 1973, 313p.

CASTRO, Terezinha de. Aracaju: evolução e crescimento. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 200: 49-64, 1967.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Prefácio. DANTAS, Beatriz Gomes e NUNES, Verônica Maria M. (Org) Destinatário: Felte Bezerra. Cartas a um antropólogo sergipano. 1947-59 e 1973085. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase Heróica da Antropologia em Sergipe: 1950-

59. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. – Vol.1, n.1, p.227-255, dez.2009.

_____. e NUNES, Verônica Maria M. (Org) Destinatário: Felte Bezerra. Cartas a um antropólogo sergipano. 1947-59 e 1973085. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009.

- DINIZ, José Alexandre. Aracaju – síntese de uma geografia urbana. Aracaju: Tip. J. Andrade, 1963.
- DÓRIA, Epifânio. Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 18: 68-76, s.d.
- FRETIAS, Itamar. Leituras sobre a história de Aracaju: Fernando Porto. A Semana em Foco, Aracaju, p. 6B-6B, 07 mar. 2004. Este artigo foi publicado no livro: Historiografia Sergipana.
- FREITAS, Itamar. Historiografia sergipana. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.
- FORTES, Bonifácio. A evolução da paisagem humana na cidade de Aracaju. Aracaju, 1955.
- _____. O governo Inácio Barbosa. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, 22: 81-104, s.d
- GALVÃO, Valnice Nogueira. TRIBUTO A JOSÉ CALASANS. http://josecalasans.com/downloads/tributo_a_jose_calasans.pdf, cap. 08 de março de 2013.
- LIMA, Luis Eduardo Pina. Ideologia e utopia na História da educação – O processo de criação da Faculdade Católica de Filosofia (1950-1952). São Cristóvão, monografia de conclusão de curso em especialização em Ciências Sociais, NPC/UFs. 1995.
- NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. JOSÉ CALASANS E CANUDOS: a história é reconstruída. Salvador: EDUFBA, 2008. Este livro foi sua dissertação de mestrado. Cf. http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Jose_Calazans_-_A_Historia_Reconstruida.pdf, cap. 12 de fevereiro de 2013.
- NUNES, Maria Thétis. Apresentação. In: SILVA, José Calasans Brandão da. Aracaju e outros Temas Sergipanos. Aracaju: Gráfica J. Andrade/ FUNDESC/ Governo do Estado de Sergipe, 1992
- OLIVEIRA, João Paulo Gama. Disciplina, docentes e conteúdos: itinerários de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962). Dissertação (Mestrado em Educação), Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa, UFS, 2011, 227p.
- PORTO, Fernando. A cidade de Aracaju (1855-1865) – ensaio de evolução urbana. Aracaju. Coleção Estudos Sergipanos, 1945, pub. 11. Uma nova edição foi feita em 1991, publicado pelo Governo do Estado de Sergipe/ Fundesc.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A historiografia sergipana nos últimos 50 anos: tentativa de avaliação crítica. In: GLEZER, Raquel (Org.), Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 343-360.
- SILVA, José Calasans Brandão da. Aracaju e outros Temas Sergipanos. Aracaju: Gráfica J. Andrade/ FUNDESC/ Governo do Estado de Sergipe, 1992.
- _____. Aracaju: contribuição à história da capital de Sergipe. Aracaju: Livraria Regina, 1942.
- SILVA, Anna Karla de Melo e; SOUSA, Josefa Eliana. FELTE BEZERRA

(1933 A 1958) = UM QUARTEL DE ATIVIDADES LÍTERO-CIENTÍFICAS. Texto apresentado no eixo temático: Formação de professores – Memórias e narrativas. V Colóquio Internacional Educação Contemporaneidade. São Cristóvão, 2011. http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%204/PDF/Microsoft%20Word%20%20FELTE%20BEZERRA%20_1933%20A%201958_%20UM%20QUARTEL%20DE%20ATIVIDADES.pdf

SANTIAGO, Enock. O dr.Inácio Joaquim Barbosa e a cidade de Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 3: 45-79, 1915

_____. Mudança da capital. Revista de Aracaju, 6: 23-36, 1957.

SANTOS, Lenalda Andrade. Curso de História: Resgate da Memória Histórica. In: UFS – história dos cursos de graduação. Org. Maria Stella Tavares Rollemberg E Lenalda Andrade Santos. São Cristóvão/Se, 1999, p. 158-170

SANTOS, Osmário. Bonifácio Fortes. Intelectual de peso, o ex-juiz do Trabalho era um esquerdista sem ligação partidária. <http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14427> HYPERLINK “<http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14427&titulo=memorias>”& HYPERLINK “<http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14427&titulo=memorias>” título=memorias, cap em 12 de abril de 2013.

SEBRÃO SOBRINHO. Laudas da História de Aracaju. Aracaju, 1955.

SILVA (2), Clodomir. Album de Sergipe. São Paulo, 1920

TELES, Manuel dos Passos. Salvo Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 3:45-79, 1915.